

# Prólogo

Bruno Reis  
Universidade Autónoma de Lisboa  
NIP-C@M

Em memória de Leopoldo Amado<sup>1</sup>

## Empeitados

No arrastar desta “experiência dos limites”, como agudamente observou o António Guerreiro<sup>2</sup>, vamos esgotando todos os superlativos para a incerteza. Somos assim confrontados com o princípio da realidade intraduzível. Procuramos leituras para o desconcerto “do que nos haveria de acontecer” em léxicos de outros tempos e lugares pandémicos. Fraco consolo nos devolve o exercício da História. Fraco saber registamos do pavor de outras memórias. Somente vislumbramos a mesmíssima perplexidade repetida no gerar de cada vírus. Um tempo morto que se traduz na amputação visceral da vida; a supressão efectiva do outro e a subtração do quotidiano como destino de pertença. Observamos um corpo social moribundo, desmembrado, mutilado pelo

---

1 Recordarei sempre com enorme estima o “chefe”, o historiador e o amigo. Foi com ele que iniciei a minha carreira académica. Como presidente do Departamento Ciências Humanas da Universidade de Cabo Verde endereçou-me convite para rumar ao maravilhoso arquipélago africano. Nunca poderei esquecer a confiança depositada em mim, então um recém doutorado com muita vontade e sem nenhuma experiência académica. Viu em mim competências que eu próprio desconhecia e entregou-me a Coordenação das Ciências Sociais da UNI-CV, presenteando-me com uma das experiências mais gratificante da minha existência; pelo desafio, pelas pessoas incríveis com que tive o privilégio de trabalhar. E se não bastasse, foi com ele que aprendi a olhar de forma desempoeirada para o fenómeno colonial e pós-colonial.

2 *Ípsilon*, de 22 de Janeiro de 2021.

corde da experiência social inteira. O outro mascarado é um eu desfigurado que se nos faz estranho, que comporta consigo a gênese de um eminente perigo. O distanciamento social agudiza uma vida de si já permeada de mediações, ausentando-nos radicalmente do cara a cara, dos desejos e tensões, das expectativas em partilha. Deixamos de dispor da nossa vontade. A remediação possível constrói uma sociedade "zombificada". Somos parcelas de um ecrã onde vemos reduzidas as nossas experiências de sentido. Os trânsitos plurais que constituem os nossos quotidianos são agora vividos na tela. Os mundos que habitamos, da família, do trabalho, do descanso/lazer estão agora intrinsecamente ligados. Retomamos o sentido medieval do espaço, habitamos em simultâneo distintos papéis, distintas disposições sociais. O eu continuum comprimido no mesmo habitat e em loop; o tempo que se faz plano (segunda que podia ser quarta e terça podendo ser domingo) onde os dias se sucedem em decalque. Um tempo desvitalizado. Mas da excepção se faz regra. Cuidadores e pobres são precarizados na sua própria condição, de não poderem colocar a sua vida em pousio. A hiperactividade forçada destes colectivos permitiu o #fique em casa e o #vai ficar tudo bem da massa recolhida nos direitos. Para os das margens somente sobraram deveres, o dever de manter o sistema em funcionamento, sem temor e tremor. Para os demais, o tempo lento que os consome. A existência já não é o resultado daquilo que fazemos, mas o drama daquilo que deixamos de fazer. Todas as vontades resumidas em possibilidade ínfimas. A vida que se agudiza num

tempo sem sentido, do medo tenebroso e da ideia permanente de estarmos por um fio. Uma angústia depredadora que pulula em cada canto. Nas notícias (estatisticamente reiterativas da morte), no briefing diário da DGS, nas conversas possíveis, nos pensamentos, nos “sonhos”, na ausência de futuro, na nostalgia do tempo de antes. Na sensação de um momento que parece nunca mais ter fim. A vida adiada que se ergue como experiência paralisante; da economia aos afectos. Num tempo que tudo muda e nos vai mudando.

É sobre isto de que falamos neste livro. Ensaíamos uma tentativa de entendimento, e não pode ser mais que uma tentativa, de um acontecimento que ainda se encontra num trânsito que parece perpétuo. Olhamos para os estados de ânimo e para os nossos humores, individuais e colectivos. Pomos sentido nas reelaborações que o vírus desencadeia; na política, na economia, nas relações internacionais, no espaço público, nas aprendizagens e nos saberes formais e informais. Nada parece ficar imune a esta infecção, formulemos, pois, as leituras possíveis de um mundo de incertezas.

Leituras estás que somente foram possíveis graças ao empenho paciente dos autores aqui reunidos e das nossas incansáveis editoras, Madalena Romão Mira e Raquel Medina Cabeças. O meu muitíssimo obrigado.

Dafundo, 26 de Janeiro de 2021